

Ideias que navegam, as cidades e as ideias espíritas pelo Piauí*

Navigating ideas, cities and spirit ideas by Piauí

Rônery Danilo Monte Soares

Graduado Em História pela Universidade Federal do Piauí.
Especialista em Historiografia Brasileira pelo Instituto Sousa Andrade

Resumo: Neste artigo apresentamos para o leitor um panorama da doutrina espírita no estado do Piauí, caracterizando as cidades que se têm notícia da movimentação dessa ideologia. E através da descrição das fontes, mostraremos as formas de pensamento e como os seguidores da doutrina espírita entendiam a mesma no Piauí. Assim, é necessário saber como as ideias se movimentam e, para isso, o rio Parnaíba é o fio condutor da movimentação das ideias pelas quais buscamos trabalhar, percorre-se nesse artigo as cidades de Parnaíba, Teresina, a capital do estado e também Amarante, dessa forma, através da leitura pormenorizada das fontes, análises e métodos de pesquisa histórica fazemos a ligação entre a doutrina como ela era praticada no Piauí e em escala, no Brasil e no mundo.

Palavras Chave: História; Doutrina Espírita; Cidades; Piauí.

Resumo: Neste artigo apresentamos para o leitor um panorama da doutrina espírita no estado do Piauí, caracterizando as cidades que se têm notícia da movimentação dessa ideologia. E através da descrição das fontes, mostraremos as formas de pensamento e como os seguidores da doutrina espírita entendiam a mesma no Piauí. Assim, é necessário saber como as ideias se movimentam e, para isso, o rio Parnaíba é o fio condutor da movimentação das ideias pelas quais buscamos trabalhar, percorre-se nesse artigo as cidades de Parnaíba, Teresina, a capital do estado e também Amarante, dessa forma, através da leitura pormenorizada das fontes, análises e métodos de pesquisa histórica fazemos a ligação entre a doutrina como ela era praticada no Piauí e em escala, no Brasil e no mundo.

Palavras Chave: História; Doutrina Espírita; Cidades; Piauí.

Rios são caminhos de História por excelência, rotas naturais que quando bem aproveitadas podem servir como meio de transporte para os mais diversos tipos de embarcações, de grandes navios capazes de navegar em alto-mar ou mesmo pequenas canoas de pescadores.

Por eles, muito além de pessoas e mercadorias, perpassam também ideias e ideologias, modos de pensar e agir. Passam as modas das épocas e as ordens oficiais, a esses barcos e canoas recorrem para locomoção pessoas, e é pelo mar, seguido pelo grande rio Parnaíba que adentra ao Piauí a ideologia espírita.

O rio Parnaíba até os anos de 1950 é a maior e melhor rota de comércio que o povo piauiense tinha para exportar seus produtos, principalmente a maniçoba e a carnaúba (QUEIROZ, 1994) exportados mundialmente e que tinham no Piauí sua maior fonte. Por este rio não passavam somente mercadorias: ele era o maior canal de transporte de pessoas, de norte a sul dos estados do Piauí e do Maranhão, já que o rio é a divisão natural entre esses dois locais.

Adentravam pelo rio pessoas e mercadorias, mas também ideias, novidades e modas vindas diretamente da Europa, que tinham na cidade de Parnaíba um dos mais próximos portos de chegada à América, vindas do velho mundo. Tais novidades eram logo copiadas e adotadas pelas mais distintas famílias e personalidades da época.

Não só na cidade de Parnaíba tais novidades e modas chegavam, percorriam o rio e adentravam ao continente na mesma velocidade que transformavam a cidade-porto. Passando por Amarante, Teresina e diversas cidades e vilas pelo caminho, localidades que Gercinair Silveira Gandara denomina de cidades-beira:

Partimos da constatação de que as cidades-beira-rio Parnaíba não existem a priori, são resultado de uma série de acontecimentos que possuem historicidade. As cidades numa fração de espaço é projeção das heranças históricas. É projeção dos esforços econômicos, administrativos, arquitetônicos e de hábitos e aspirações quotidianas. Elas fundam-se numa mistura de funções e nunca nos aproximamos mais de seus segredos do que quando nos ocupamos das condições que geram suas diversidades. (GANDARA, 2008, p. 23-24)

Consequentemente, em uma análise não se detecta apenas frações da cidade ou frações de uma localidade, mas através do estudo de um ponto pode se perceber

* Este artigo é parte do trabalho de conclusão de curso intitulado "CAMINHOS DE UMA IDEIA": O SURGIMENTO DA RELIGIÃO ESPÍRITA E OS EMBATES EM TORNO DA DOCTRINA NO ESTADO DO PIAUÍ (1900-1920), orientada pela professora Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

o funcionamento do todo, assim podemos através do estudo de uma ideia apreciar todo o funcionamento e chegada dessa ideia e de propagação dela naquele local.

Também escreve sobre o rio e o comércio que movimentava aquelas águas Teresinha Queiroz que em seu livro, *Os literatos e a República*, caracteriza a movimentação fluvial no Rio Parnaíba:

Em 1913 a navegação fluvial abarcava os rios Parnaíba, Canindé, Gurgueia, Piauí e Uruçuí. A companhia de Navegação a Vapor do Rio Parnaíba tinha então três linhas: a primeira era a de Parnaíba, com escalas em Teresina, União, Miguel Alves, Porto, Repartição, Luzilândia, Barra do Longá e Amarante; a segunda era a de Floriano, Barão de Grajaú e Floriano; a terceira era a linha de Tutóia. Além de vapores, barcas de ferro e lanchas pertencentes a particulares, ainda funcionavam a Empresa Salineira e Navegação Fluvial, a Empresa Industrial Salineira de Parnaíba, e a Empresa Fluvial do Alto Parnaíba, cuja sede era em Teresina. A última estava sendo subvencionada para fazer a navegação de Floriano a Santa Filomena, passando por Uruçuí. (QUEIROZ, 1994, p. 22)

Dessa forma, notamos que a navegação fluvial era a espinha dorsal do comércio no estado do Piauí, servindo de meio para a movimentação de mercadorias e principalmente de pessoas, como podemos verificar também nas palavras de Queiroz sobre as outras formas de viagens e transporte naquela época: “Além da navegação fluvial, o Piauí contava mesmo era com estradas, ou melhor, seguindo as descrições da época, com verdadeiras veredas e atalhos” (QUEIROZ, 1994, p. 26.).

Não contava nem com estradas de rodagem e nem com estradas de ferro, como Queiroz nos relata: “Os pequenos trechos de estrada de ferro que vieram a ser construídos no Piauí o foram sob a égide do governo federal, já como parte, posteriormente, do plano mais geral, visando ao combate às secas na região” (QUEIROZ, 1994, p. 26.). Não servindo assim para a movimentação mais ardente das ideias, do qual o rio Parnaíba era o principal condutor.

Dessa forma, pelas palavras de Gandara, podemos perceber que a principal contribuição do Rio Parnaíba é no:

[...] desenvolvimento regional, na natureza e localização das atividades, nas densidades de população, nos modos de vida urbano, na estrutura urbana e na expansão espacial dentre outros. De fato, o transporte fluvial no rio Parnaíba influenciou no conjunto das atividades humanas pelo seu traçado e equipamentos. Nenhum outro elemento desempenhou papel tão determinante na estrutura e na configuração sócio-espacial do estado do Piauí do que os navios a vapor. (GANDARA, 2008, p. 195.)

Completando seu pensamento, Gandara discorre sobre a capacidade de agregar em torno de si que o rio Parnaíba possui:

O rio Parnaíba, facilmente acessível por terra ou através de inúmeros de seus afluentes da margem direita, era um meio fácil de ligação com as outras povoações tanto do Piauí quanto do Maranhão, além de servir de escoadouro, para o mar, dos produtos da região. Ele atraía, dessa forma, as populações do interior. Se as zonas ribeirinhas também eram propícias à criação, nada impedia que delas se aproximassem os rebanhos, colocando-se assim mais próximos da principal via de comunicação do estado. Os currais se foram retirando do sul, deixando lá algumas povoações. As vilas, os arraiais, inúmeros núcleos de povoamento, iam se formando às margens do rio Parnaíba. (GANDARA, 2008, p. 195.)

O rio tem esse papel amalgamador para o Estado, é ele que distribui as riquezas, movimenta e adensa as populações, trás as novidades, as ideias, e visa romper com o isolamento histórico que a província do Piauí sofria, possibilitando uma movimentação de pessoas, mercadorias, ideias e capital.

Cidades doutrinárias

Neste tópico faremos um panorama geral das cidades piauienses que temos conhecimento sobre a adesão e propagação da doutrina espírita. Para isso, utilizaremos o rio Parnaíba como nossa estrada condutora, partindo de sua foz. Faremos assim o caminho que um dia as notícias e as ideias espíritas fizeram.

As paradas serão poucas, contudo, importantes para o entendimento do tema. Aqui nos ateremos à documentação encontrada e à bibliografia sobre tais cidades como forma de entendê-las e compreender a organização que tomou a doutrina nessas cidades.

PARNAÍBA

É lógico pensar que a ideologia espírita tenha primariamente adentrado e cooptado mentes para sua causa na cidade portuária de Parnaíba, que era o primeiro local que adentravam as ideias e novidades europeias. O primeiro relato que temos de que o espiritismo tenha chegado à Parnaíba vem de uma citação à cidade relacionando-a com o Espiritismo, nos explicando que o “Espiritismo está muito em voga pela Parnaíba, onde vai produzindo lamentáveis loucuras” (A ÉPOCA, 18 jan. 1879, p. 4), datando do último quarto do século XIX. Esse é o relato mais antigo sobre o espiritismo na cidade da Parnaíba.

De acordo com as fontes encontradas, o movimento espírita só se intensificará nas décadas de 1910 e 1920, com a fundação do Centro Espírita Perseverança

no Bem por volta do ano de 1918. A documentação não nos precisou as datas de inauguração daquele centro. Mas seguiremos analisando sua ata¹ de reuniões:

Aos três dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e dezoito, às sete horas da noite, nesta cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, teve lugar a primeira sessão evocatória para desenvolvimento de médiuns, conforme ficou resolvido pela Diretoria deste centro em sessão do dia 1º de dezembro (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 3 dez. 1918, P. 3).

Podemos notar que aquele não tinha sido o primeiro dia de trabalho do centro espírita, pois logo em seguida temos a seguinte sentença “Ata da vigésima quarta sessão evocatória do centro espírita Perseverança no Bem” (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 6 dez. 1918, p. 5), e também “Ata da quinta sessão doutrinária do Centro Espírita Perseverança no Bem” (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 8 dez. 1918, p. 6). Atividades como desenvolvimento mediúnico e sessões evocatórias não são abertas ao público em geral por serem de caráter mais profundo que apenas os “iniciados” à doutrina poderiam participar. O termo “iniciados” aqui colocado é descrito nos documentos do Centro Espírita como membros associados àquela entidade.

As atividades abertas ao público são as “sessões doutrinárias para o público em geral” que tiver interesse em conhecer. Como podemos ver na seguinte sentença: “Compareceram como visitantes Joaquim de Lucena Ramos e Antônio Fernandes Rodrigues Sobrinho” (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 8 dez. 1918, p. 5).

O documento também relaciona os presentes àquela primeira sessão de desenvolvimento mediúnico: “Compareceram os consócios Benedito Simão de Santana, Miguel Moreira, Sancho Escórcio, José Aldeno, Marcelo de Mello e Francisco Aires”² (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 3 dez. 1918, p. 3).

Dessa forma, notamos apenas um seletivo grupo que inicia tais trabalhos.

¹ O livro de atas do Centro Espírita Perseverança no Bem me foi dado em cópia digital pelo presidente do instituto de cultura espírita do Piauí-ICEPI, o amigo Raul Ventura. No início de minhas buscas por fontes, entrei em contato com Raul para que me indicasse algum arquivo, livro, folheto ou jornal que pudesse me auxiliar na realização do trabalho, como entusiasta da pesquisa histórica Raul já a muito agremiava para si e para o instituto materiais históricos que pudessem auxiliar a pesquisadores da História do Espiritismo.

² Francisco Aires: Operário e Poeta. Viveu mais de meio século na terra parnaibana. Participou intensamente da vida intelectual da comunidade como poeta e jornalista. Colaborou como redator nos jornais *O artista* e *O Norte*. Patrono de uma Cadeira da Academia Parnaibana de Letras. Cf.: GONÇALVES, 2003.

Contudo, à frente percebemos o crescimento desse número de participantes, como mostra a seguinte ata datada de 4 de julho de 1919, seis meses posteriores à primeira reunião daquela equipe de estudos do grupo espírita:

Aos quatro dias do mês de julho de mil novecentos e dezenove, das sete às nove horas da noite, nesta cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, reuniram-se na sede social Alarico J. da Cunha. B. Simão, Augusto Pessoa, Dr. Antônio Neves, Manoel Basto, Manoel Mousinho, Oscar Vaz, José Brenha, Ricardo Leitman, Antônio O. Mello,³ Dr. Aberival Veras, José Dutra, Francisco dos Santos, Francisco J. Vaz, Antonio J. Rodrigues Sobrinho, Francisco Aires, Godofredo Miranda,⁴ Dr. Gonçalo de Castro Cavalcante⁵ e Joaquim de Lucena Ramos. Presidindo a sessão o confrade Alarico J. da Cunha. (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 4 jul. 1919, p. 48)

A relação de nomes acima mencionados eram a dos confrades⁶ que participaram naquela noite dos trabalhos não abertos ao público. Nota-se uma diferença substancial de nomes na quinquagésima primeira reunião de desenvolvimento mediúnico do centro espírita em relação a primeira, nomes que saltaram em números de cinco participantes, para dezoito participantes, denotando dessa forma, um sucesso na agremiação de componentes internos, já que a mesma reunião não aceita a

³ Antônio O. Mello (Esperantina – PI, 1894 – Parnaíba – PI, 1968): Poeta e jornalista. Trabalhou muitos anos na empresa Singer – Sewing Machine. Residiu em Recife (PE) e, de lá, passou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência e domicílio com ânimo definitivo. Escreveu uma coletânea de poesias sob o título *Poemas em Sonetos e outros Versos* (1967), no qual traz à evidência lugares e ocorrência do seu estado natal. Deixou ainda gravado em discos, diversas poesias. É patrono de uma cadeira da Academia Parnaibana de Letras. Venerável da Maçonaria Fraternidade Parnaibana. Comentário: Viveu mais de trinta anos em Parnaíba onde teve uma marcante passagem como poeta e jornalista. Colaborou nessa cidade no *Jornal do comércio* e no *Almanaque da Parnaíba*. Militou, também, na imprensa pernambucana, escrevendo para o *Jornal do comércio*. Poeta cintilante, com predominante espírito amoroso e telúrico. Os seus versos são imaginosos e de muita emotividade. Cf.: GONÇALVES, 2003.

⁴ Nascido em Buriti dos Lopes, PI, no dia 4 de agosto de 1895 e falecido em Parnaíba, PI, no ano de 1957, Filho de Euclides Godofredo da Silva Miranda, que foi intendente de Parnaíba entre 1897 e 1900. Formado em medicina pela Faculdade da Bahia, foi médico Fundador da Santa Casa de Misericórdia da cidade e do Ginásio Parnaibano. Cf.: GONÇALVES, 2003.

⁵ Nascido em 1882 e falecido em 1949 na cidade de Teresina. Magistrado, professor e jornalista. Bacharel em direito pela tradicional Faculdade de Recife (1907). Promotor Público no interior do Piauí. Juiz de Direito de Altos, Uruçuí e Parnaíba. Primoroso jornalista. Colaborou com os Jornais *A Pátria* e *A notícia*. Membro do Tribunal de Contas do Estado (1909). Um dos Fundadores da Faculdade de Direito do Estado. Ex-professor de Matemática e Física do antigo Liceu Piauiense. Falava fluentemente o italiano, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. Conhecia profundamente a física e a música clássica. Grande orador. Cf.: GONÇALVES, 2003.

⁶ Termo bastante usado no meio espírita até os dias atuais para se designar a algum companheiro que partilha da ideologia espírita.

presença de visitantes.

Os membros sócios eram escolhidos através de indicações dos membros já participantes, como se pode perceber pela seguinte sessão descrita na ata: “O confrade Benedito Simão propôs igualmente para sócio, o senhor Joaquim de Lucena Ramos, solteiro, também residente em Parnaíba, nascido a 27 de Setembro de 1885 neste estado, o qual exerce a profissão de alfaiate” (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM 20 dez. 1918, p. 11.)

O confrade Lucena, até o momento aparecia apenas como visitante nas sessões públicas de interesse doutrinário, mas com sua ascensão a sócio do centro espírita, ele começa a fazer parte do mesmo.

O grupo espírita contava ainda com um veículo de comunicação, o jornal “*O consolador*”, escrito que propagava as palavras do espiritismo pela cidade de Parnaíba. A informação vem através do jornal *O Artista* que era o órgão de propaganda da sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba.

O consolador – Com vero prazer acusamos a recepção do n’ 10 d’ <O Consolador> que se publica nesta cidade, como órgão do Centro Espírita ‘Perseverança no Bem’. E’ sempre com carinho que acolhemos, cá em casa, este apreciado confrade, sobre a orientação de penas brilhantes do nosso meio, que em suas colunas propagam as ideias da doutrina espírita (O ARTISTA. 5 out. 1919, p. 3).

Como se pode perceber, em outubro de 1919, data da publicação da matéria, já estava circulando nove outros números de *O consolador* de Parnaíba, órgão de divulgação do Centro Espírita Perseverança no Bem, que já estava em circulação e tinha certa relevância desde dezembro de 1918 pelo menos, pois o mesmo é citado em uma das atas desse mês “Ficou resolvido dar-se notícia desse facto no órgão oficial do Centro – *O consolador* – para que todos soubessem das nossas intenções e muitos pudessem de alguma sorte nos coajudar” (Livro de actas do Centro Espírita Perseverança no Bem. 4 dez. 1918, p. 4.).

Infelizmente não temos mais informações sobre o jornal. Provavelmente tenha surgido junto da fundação do centro espírita, como demonstra a citação a ele na sua ata de reuniões e perseverado por alguns anos.

No ano de 1919 também é relatado através da ata de reuniões do centro espírita Perseverança no Bem eleições para a mesa diretora daquele Centro Espírita:

[...] tendo sido reeleito o senhor Alarico J. da Cunha para presidente, para vice-presidente, Dr. Antônio d’ Almeida Neves; Secretário, José Francisco Dutra; Tesoureiro: Eduardo Legnani, também reeleito e Bibliotecário e arquivista, Dr. Francisco de

Moraes Correia⁷.(LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 6 jul. 1919, p. 49.)

As eleições ocorriam anualmente e pode-se constatar que no ano seguinte, em 1920, o presidente da casa foi reeleito pelo terceiro ano consecutivo por comprovação de *O Artista*: “Este Centro elegeu sua nova Diretoria, domingo 11 do corrente a qual ficou assim constituída – Presidente e Doutrinador: Alarico J. da Cunha (reeleito)” (O ARTISTA. 15 out. 1920, p.3).

Alarico José da Cunha seria o principal articulista e propagador do Espiritismo na cidade de Parnaíba, tendo sido reeleito algumas vezes para a presidência da entidade espírita, como escrevendo textos em defesa do espiritismo e colaborando para a propagação da doutrina.

Lima Rebelo, também poeta e escritor é quem recebe Alarico na Academia Piauiense de Letras, na ocasião seu discurso fez um retrocesso aos trinta anos de amizade entre eles, exaltando a poesia e a prosa de Alarico, além de fazer referências aos inúmeros trabalhos deste com o folclore, que segundo ele é a expressão máxima da alma do povo:

O Folclore o atrai, como a lembrança da Pátria distante atrai o peregrino desterrado. Cada uma das cenas da sua juventude sertaneja lhe ressurgem nos problemas dos seus estudos prediletos: o que há de espontâneo no povo, o que lhe exsurge da alma em cantos, como no canto dos passarinhos; em gestos, como no meneio hierático das garças; em sentimentos e expressões, como os que impulsionam todos os seres sensíveis e animados de fibras e de nervos. Alarico ama a sua gente. E por amá-la e conhecê-la, ele a estuda para servir mais e amar melhor. (REBELO, 1985. In: FILHO, 1985. p. 89).

Segundo o *Dicionário Enciclopédico de Piauienses Ilustrados*, Alarico José da Cunha nasceu em São José das Cajazeiras, hoje cidade de Timon, Maranhão, no dia 31 de dezembro de 1883. Lima Rebelo diz que suas origens são de uma família sertaneja, de um Brasil ainda rural, e que Alarico “não tendes o temor humano do civilizado” (REBELO, 1985, p. 99.), do polido e do que caracterizaríamos hoje como politicamente correto e aceito, por isso Lima Rebelo diz que ele se confessa, “bruxo, ocultista e clarividente” (REBELO, 1985, p. 99.) de forma simples, sem receio de ser

⁷ Político e comerciante, Francisco Moares Correia, nasceu no ano de 1875, vindo a falecer no ano de 1950. Bacharel em direito, exerceu o cargo de Deputado Estadual entre 1900 e 1904. Em 1915 foi eleito Deputado federal, mas não tomou posse por motivos políticos. Na administração pública do Estado foi chefe de Polícia (1908 a 1912) quando elaborou *Regulamento da Segurança Pública do Estado* e uma *Coletânea das Leis e Decretos do Piauí* (1889 – 1902). Como Jornalista fundou *O monitor*. Cf.:GONÇALVES, 2003.

rejeitado por assim se definir e declara seu amor pelos estudo metapsíquicos e filosóficos.

Foi sociólogo e poeta, jornalista e contador de estórias. Tomou por residência a cidade da Parnaíba por mais de sessenta anos, onde desenvolveu atividades intelectuais, como a colaboração em diversos jornais, como *O Farol*, *O Artista* e o *Almanaque da Parnaíba*. Escrevia para a *Revista da Academia Piauiense de Letras* e na mesma Parnaíba auxilia na redação do jornal *O Reformador* do Centro Espírita Perseverança no Bem.

Presidiu por algum tempo a Associação Piauiense de Imprensa. Poliglota, falava fluentemente o inglês, francês e alemão. Foi vice-cônsul de Portugal, membro da Academia Piauiense de Letras, fundador da Academia Maranhense de Letras e também foi escolhido patrono de uma cadeira na Academia Parnaibana de Letras, vindo a falecer no ano de 1965, na cidade do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 2003, p. 141.).

Alarico foi um intelectual e um personagem importante para a propagação do espiritismo. Em comentário à sua pessoa, a *Revista da Academia Piauiense de Letras* tem a seguinte opinião:

Empolgado pelos estudos metapsíquicos aprofundou-se neles apaixonadamente. A sua poesia reflete os conhecimentos especializados e transcendentais por que foi atraído. Paralelamente, dedicou-se ao estudo de nosso folclore, de que possui importantes trabalhos inéditos colididos e organizados para publicação. Sob essas faces, é primoroso narrador, em interessante e atraente prosa, em que expõe preciosos episódios, lendas e poesias do sertanejo piauiense (GONÇALVES, 2003, p. 141).

Lima Rebelo, amigo pessoal e recepcionista de Alarico José da Cunha na Academia Piauiense de Letras, no seu discurso conta a todos uma história do envolvimento de Alarico com o espiritismo, declarando-se aberto a todas as ideias e possibilidades, Lima Rebelo diz:

É preciso termos a coragem de afirmar. Eu aqui vos confesso que acredito em tudo. E piamente vos peço, como aos demais taumaturgos que não me lanceis coisa feita e nem me enluteis, por efeito de alguma alta magia.

Tenho o maior respeito aos vossos poderes sobrenaturais Sr. Alarico da Cunha, desde aquele dia famoso em que a Parnaíba chegou o Professor Niemeyer. Multidões de aleijados e doentes de variada espécie acorreram aos pés do taumaturgo, o qual reproduziu os milagres que todo dominador psíquico vem realizando pelos séculos a fora. À noite houve uma sessão em casa de Guilherme Ladeira e eu, que não sou familiar dos espíritos, resolvi levar minha curiosidade à reunião. Fiquei de pé, junto à parede direita da sala, rumo da saída, perto de Lulu Contrim; e começamos

a seguir com alguma irreverência os transe dos médiuns, o açodamento dos assistentes, a técnica de Niemeyer e a vossa, Sr. Alarico da Cunha. De repente noto que Lulu Contrim fica em verdadeira convulsão, como se lutasse braço a braço com algum gigante poderoso. Eram gemidos e esturros como os daria uma foca morrendo afogada: eram gestos como se alguém o forçasse a subir de costas pela parede. Vós, Sr. Alarico, da mesa em que vós acháveis, começastes a fazer passes magnéticos, estendendo as mãos e gritando a um ente invisível para que deixasse o meu pobre companheiro. E olháveis como quem vê; e o seguistes com a vista rumo do telhado por onde, parece, se escapou. Soube depois que fora hindu turbulento, resolvido a castigar Lulu, arrancando-lhe o couro da barriga.

Saí dali murchíssimo; e mal chegando à rua, diante do primeiro poste elétrico, fui ver as roxas escoriações do penículo do irreverente. Cinco dedos estavam gravados abaixo do apêndice e outros cinco à esquerda, pela altura do baço

Nunca mais frequentei sessões espíritas e desde lá fujo de encontrar um médium à noite (REBELO, 1985, p. 99.).

A sua história pode até parecer estranha e nebulosa, mas foi sua experiência e fez ele questão de explaná-la na recepção de Alarico. Algo interessante de se notar é o termo que Lima Rebelo usa de adjetivo a Alarico e ao professor Niemeyer, taumaturgos, nome dado a antigos reis europeus que possuíam a crença de que poderiam curar com o toque.

O historiador Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, corrente historiográfica que dominaria o século XX, é a autoridade nessa temática pois desenvolveu tese revolucionária sobre o tema. A crença na cura através dos toques dos reis em Marc Bloch era dada apenas pelas mãos reais. Contudo, a ideia da cura através da imposição das mãos foi reavivada pelos mesmeristas e adeptos do magnetismo animal e apropriada posteriormente pelos espíritas. Então, Lima Rebelo assim adjectiva Alarico e o professor Niemeyer, como taumaturgos modernos, capazes de curar através das mãos.

Muito ainda temos que pesquisar sobre esse personagem tão interessante e versátil, que tanto colaborou com o estabelecimento da doutrina espírita no estado do Piauí, mas não teremos como fazer tal desvio de rota nessa pesquisa. Portanto continuemos analisando as fontes para o desenvolvimento do trabalho.

O grupo que presidia o Senhor Alarico também era responsável por ações caritativas, sendo esta uma das máximas da Doutrina Espírita: “Fora da caridade não há Salvação”.⁸ Tais ações eram de três tipos: festas e eventos aos mais necessitados, como vemos em *O Artista*:

⁸ Frase que titula o capítulo XV de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, livro que versa sobre o a moralidade que deve ser exercida pelos espíritas.

Realizou-se a 25 de Dezembro findo, na sede do Centro Espírita 'Perseverança no Bem' o Natal das criancinhas pobres, sendo distribuídos às mesmas, 110 vestidos, número das crianças inscritas. Todas tiveram um farto jantar, servido pelos espíritas. Também foram servidos ao jantar mais de 150 crianças não inscritos e diversos velhos, cegos e aleijados. (O ARTISTA, 1 jan. 1920, p. 2)

Em mobilizações públicas de ajuda aos enfermos e doentes como é demonstrado em sua ata de reuniões, relatando uma reunião extraordinária para tratar dos casos de gripe espanhola que já assolava a cidade:

[...] e propôs a instituição de uma Cruz Beneficente de uma comissão de membros do Centro, que se incumbissem de examinar quais as pessoas doentes que necessitam remédios e auxílios e darem ao médico designado pelo governo estadual para tratar dos influenzados os necessários avisos.

[...] Ficou resolvido dar-se notícia desse fato no órgão oficial do Centro – *O consolador* – para que todos soubessem de nossas intenções e muito puderem de alguma sorte, nos coajudar. (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 4 dez. 1918, p. 4.)

O Centro Espírita mobilizou-se para ajudar no que pudesse e a quem estivesse precisando de auxílio no caso da epidemia que assolou o mundo no início do século XX. A gripe espanhola, como ficou conhecida, por fazer um número exorbitante de vítimas naquele país, foi uma das maiores epidemias que assolou o mundo no século, matando entre vinte a quarenta milhões de pessoas, número não alcançado pelos mortos da Primeira Guerra Mundial, que chegaram perto dos nove milhões de mortos.

A preocupação dos membros do grupo era ainda mais justificada pela voracidade com que a doença agia, bem como, pela localização geográfica que possui a cidade da Parnaíba. Como cidade porto, servia como porta de entrada do Atlântico para o continente, a cidade vivia do comércio e dos lucros que as trocas comerciais geravam. Caso ela fosse considerada uma zona de epidemia da doença, diversos negócios e fontes de renda estariam prejudicados como descreve Pedro Nava, historiador que presenciou os acontecimentos no Rio de Janeiro em 1918:

[...] aterrava a velocidade do contágio e o número de pessoas que estavam sendo acometidas. Nenhuma de nossas calamidades chegara aos pés da moléstia reinante: o terrível não era o número de casualidades – mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes, a impossibilidade de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva (TEI-

XEIRA, 1993, p. 32).

Portanto, era além de um ato caritativo para com a sociedade parnaibana a ajuda que ofertava o centro e seus membros, como também estavam tomando uma decisão humanitária, econômica e social que auxiliaria toda a cidade.

A última forma descrita que se manifestava o caráter caritativo daquele grupo eram os receituários mediúnicos, receitas de remédios homeopáticos dados por médiuns receitistas a quem solicitasse seu auxílio: “Em seguida procedeu-se a uma ligeira sessão evocatória a fim de ouvir-se o Dr. Clemente a respeito dos vários doentes que pediam receitas. O espírito do médico comparecera à reunião e deu as receitas solicitadas” (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 8 jun. 1919, p. 40-41.).⁹

Tal espírito era frequentemente evocado para dar as receitas mediúnicas. Sendo esse um dos atos mais comuns e recorrentes do início do século no espiritismo brasileiro, diversos médiuns e espíritas famosos desse tempo eram também médiuns receitistas, tais como, Bezerra de Menezes e Bittencourt Sampaio.

A mediunidade receitista foi um dos principais fatores de aproximação entre as elites letradas que entendiam e compartilhavam das ideias espíritas com o povo, as pessoas que nem sequer cogitavam adentrar a um centro espírita, mas que viam nas consultas com médiuns receitistas a oportunidade que não lhes era concedida pelo poder público, a de um atendimento médico. Além de tais atitudes se assemelharem em muito com os saberes populares das benzedadeiras e rezadeiras, o que aproximava os médiuns receitistas da população: “Para um receitista espírita, o tratamento e a cura dos doentes deviam-se aos espíritos; sua participação era a de mero instrumento movido pelo princípio da caridade cristã, não cabendo receber em troca qualquer pagamento ou retribuição”. (DAMAZIO, 1994. p. 91)

Era essa uma das formas de atendimento a população: os receitistas espíritas trabalhavam com medicamentos homeopáticos, ideia também nova e que movimentava as ciências da época, tanto sofrendo críticas por parte dos médicos alopatas¹⁰ quanto por parte dos farmacêuticos, a medicina homeopática teve por fundador o médico Cristiano Frederico Samuel Hahnemann:

⁹ *Livro de actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 jun. 1919, p. 40-41.

¹⁰ Alopátia: Forjado pelo modelo da *homeopatia*. Sistema terapêutico que consiste em tratar as doenças por meios contrários a elas, procurando conhecer suas causas e combatê-las. [Termo introduzido por Hahnemann (v. *homeopatia*) em cerca de 1850, com referência a qualquer outro método de cura que não o homeopático, e que, posteriormente, passou a abranger quaisquer outras práticas da medicina exercidas por médicos graduados em escolas não homeopáticas. In: FERREIRA.1999, p. 104.

Médico alemão que viveu de 1755 a 1843. Profissionalmente conceituado, Hahnemann insurgiu-se contra os postulados básicos e os métodos de terapia da medicina de seu tempo, em que os tratamentos à base de sangrias, ventosas e outras formas tóxicas violentas, e a ingestão de medicações sintomáticas como os vomitivos, diuréticos, hipnóticos, etc. compunha uma prática, o mais das vezes, perigosa para o paciente (DAMAZIO, 1994, p. 91).

Tal nova ciência tinha influências das ideias mesmeristas (DARNTON, 1988.) e baseava-se na suposição formulada por seu fundador de que o doente expressava seu estado de doença pelos sintomas mórbidos que apresentava e, para que houvesse a cura, a medicação indicada pelo médico deveria ser baseada nas propriedades medicinais de minerais, plantas e animais de forma a minimizar os sintomas e reestabelecer a saúde do organismo.

Para a medicina alopática, ou medicina convencional, o combate às doenças tinha que ser feito através do uso de medicamentos com propriedades opostas à do inimigo patológico. Na homeopatia, a cura do paciente adivinha da “ingestão de uma substância em doses infinitesimais que provoca sintomas semelhantes aos apresentados pelo paciente” (DAMAZIO, 1994, p.83), ou seja, o paciente que apresentasse um tipo de sintoma, iria ingerir uma substância diluída diversas vezes que provocava o mesmo tipo de sintoma da doença, pela crença de que semelhante dissolve semelhante. Acreditava-se que haveria a cura nesse processo.

A homeopatia começou a ser utilizada pelos espíritas como forma de prática da caridade em atendimento médico homeopático aos necessitados, pois:

Entende-se a opção pela homeopatia por parte dos espíritas, se atentamos para a semelhança existente entre os conceitos de Hahnemann e os de Kardec. Naturalmente, para os espíritas – assim como para os espiritualistas em geral –, o princípio espiritual apontado por Hahnemann é o espírito criado por Deus, transcendente e eterno. A força vital tem sua equivalência na noção de perísprito de Kardec, que é o de um organismo fluídico que relaciona o corpo e o espírito, passível de ser afetado por agentes imateriais, também fluídicos. Os conceitos de saúde e de doença igualmente são equivalentes (DAMAZIO, 1994, p. 86.)

Damazio acredita que pela proximidade filosófico-conceitual existente entre os espíritas e a homeopatia levou estes a terem nela a sua forma preferencial de tratamento de saúde, constituindo entre os espíritas uma forma da prática de caridade.

A mediunidade receitista teve grande aceitação e propagação nos meios espíritas no Brasil e grande parte dos nomes mais famosos do espiritismo brasileiro figurou como médiuns receitistas, tais como:

Francisco de Menezes Dias da Cruz foi médico homeopata que, posteriormente, converteu-se ao Espiritismo. Em épocas diferentes ele exerceu a presidência do Curso Hahnemaniano, do Instituto Hahnemanniano e da Federação Espírita Brasileira. Adolfo Bezerra de Menezes foi um médico alopata até se converter ao Espiritismo quando, sob inspiração, passou a receitar remédios homeopáticos. Outros vultos importantes da história dos primórdios do Espiritismo no Brasil, médicos formados, adotaram a forma homeopática de tratamento de saúde, como Joaquim Carlos Travassos e Pinheiro Guedes – o último defendera tese de doutoramento na área de cirurgia (DAMAZIO, 1994, p. 87.)

De fato, a mediunidade receitista aplicada pelo Centro Espírita Perseverança no Bem de Parnaíba não era algo exclusivo dela, pelo contrário, configurava como algo corriqueiro no meio espírita vigente no país. Aqui o médico espiritual evocado pelos confrades da sociedade espírita era o Dr. Clemente, como comprova a seguinte passagem da ata de reuniões do centro:

Comunicou-se por intermédio de Alarico Cunha o espírito do Dr. Clemente que deu receitas para os seguintes doentes: 1. Onofre Fernandes; 2 – Balbina Oliveira; 3 – José Cesário Máximo Barreto; 4 – Justino Costa; e 5 – B. Simão. (LIVRO DE ACTAS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. 20 jun. 1919, p. 47.)

Os atendimentos de médiuns receitistas eram oferecidos à população carente da cidade e também aos confrades que assim desejassem de ajuda das receitas mediúnicas homeopáticas. Dessa forma, a vida cotidiana de Parnaíba foi ligeiramente modificada com a inserção de mais um grupo religioso. A localização e o seu aspecto de entreposto comercial possibilitou àquela cidade ser ambiente fértil e versátil para o florescimento da doutrina espírita, visto que o analisado centro de divulgação da doutrina espírita, Perseverança no Bem, ainda hoje tem as suas portas abertas ao público e mantém seus trabalhos de caridade naquela cidade.

Dito isto, seguimos viagem através do Velho Parnaíba, onde iremos ancorar na ainda pequena cidade de Teresina.

Teresina

Em Teresina, a capital do Estado, as críticas à inserção da doutrina foram muitas. Lideradas durante a primeira e segunda década do século XX pelo jornal da defesa católica *O Apóstolo*,¹¹ que em toda edição trazia notícias de fora com relação

¹¹ *O Apóstolo* era propriedade da Diocese de Teresina. Fez a campanha política da denomi-

à luta do órgão que o geria (a Igreja Católica) combatendo internamente esses ideais na pequena capital do estado.

A intenção de dar combate às novas e velhas heresias era uma das propostas da Igreja Católica na entrada do novo século, tanto que em seu editorial de apresentação *O Apóstolo*, órgão jornalístico oficial da nova diocese do Piauí, instalada um ano antes, já declara suas intenções descrevendo-se como “elemento de ordem, paz e prosperidade” (O APÓSTOLO. 19 mai. 1907, p.1), o jornal seria o porta-voz dos interesses diocesanos no estado.

Contudo, *O Apóstolo* não foi o primeiro crítico às ideias espíritas na capital. Antes dele, notícias das mais variadas circulavam nos jornais da cidade, críticas à sua ideologia e também comentários jocosos para com seu ideal. Esses últimos, muito bem representados nas descrições feitas pelos articulistas do *A Época*, jornal do partido conservador que circulou na cidade entre as décadas de 1870 e 1880,¹² principalmente relacionando o espiritismo como uma espécie de loucura que acometeria aqueles que o praticassem, como notícia do *A Época* em seu noticiário, em resposta a uma colocação feita no jornal *A Imprensa*:¹³

Defesa prévia – A ‘Imprensa’ *pitonisa regeneradora*, está lendo o futuro. É assim que em seu último número, sob a epígrafe – *remoção de professores* – diz que começamos a atacar a benéfica, prudente e esclarecedora administração do Exm. Sr. desembargador Amaral, no propósito de fazermos oposição sistemática e caprichosa à atual situação política.

Terá o colega enlouquecido?

O espiritismo está muito em voga lá pela Parnaíba, onde vai produzindo lamentáveis loucuras, e será bastante lastimável que o órgão oficial, que a muito delira, tenha perdido completamente o uso das faculdades mentais. (A ÉPOCA. 18 jan. 1879, p. 4) (grifos do autor)

nada União Popular, partido apoiado pelo clero. Redator: Elias Martins. Cf.: PINHEIRO FILHO.1972.

¹² *A época*, Órgão do Partido conservador, tipografia própria, possuía edições semanais, Redação de Teodoro Alves Pacheco, Raimundo de Areia Leão e Simplício Coelho de Resende. Também colaboraram Francisco de Sousa Martins, Antônio Gentil de Sousa Mendes e Pe. Acelino Portela. Trazia a Legenda ‘Jornalistas do mundo inteiro: despi-vos dos preconceitos nacionais, denunciai todos os crimes e nomeai os criminosos’ Jouy. Em, 1889, com a proclamação da República, foi substituído pelo *Fiat Luz*. Cf.: PINHEIRO FILHO. 1972.

¹³ *A imprensa*, jornal político de publicação semanal. Proprietário e redator-chefe: Deolindo Mendes da Silva Moura, até sua morte em 22-10-1872. Davi Caldas também foi redator. Órgão do Partido Liberal e oficial quando este se achava no poder. Sucederam a Deolindo: Manuel Ildfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas e Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco. Em 1880 era redator Clodoaldo Freitas, e em 1889, Higinio Cunha. Com a proclamação da República, em 1889, transformou-se em *Atualidade* que, fundiu-se depois com *Fiat Lux*, deram nascimento de *A Democracia*. Cf.: PINHEIRO FILHO. 1972.

O fato discutido pelos articulistas não é o que nos importa analisar, mas sim a identificação do espiritismo com a ideia de loucura. Eram os tempos de surgimento da Psiquiatria e da Psicanálise e podemos dizer que a ideia de se comunicar com os mortos não era lá uma ideia muito comum ou difundida em épocas de cientificismo. Para além das críticas católicas aos fenômenos, os não religiosos e mais científicos identificavam tais fatos como loucuras, principalmente causada pela esquizofrenia e pela histeria.

Essa última acometia principalmente mulheres, lembrando a ideia de que tais mulheres eram o sexo frágil. Essa doença seria causada pela presença do útero que representava a fragilidade feminina e a sua predisposição para a perda de controle mental, como Freud e Charcot acreditavam:

A histeria era tanto uma doença feminina como masculina, desfazendo dessa forma a ideia de que apenas as mulheres padeciam de manifestações histéricas (como sugeria o próprio termo “histeria”, que deriva da palavra grega *hystéra* que significa ‘útero’. (GARCIA-ROZA.1998, p. 33.)

Além da histeria, o desenvolvimento das análises psicológicas e dos referenciais psiquiátricos sobre esquizofrenia e outros antigos estereótipos mentais antes ignorados pela medicina vinham à tona ao mesmo tempo em que se descobriam o caráter mediúnico que o ser humano possuía. Não era surpresa que tais conceitos se confundissem no século do cientificismo, afinal tudo era novidade e as descobertas confundiam-se na mesma proporção em que eram apresentadas e estudadas.

A própria *A imprensa*, jornal de circulação semanal da cidade de Teresina que possuía um caráter mais liberal noticiou uma defesa ao espiritismo em suas páginas. Defesa gerada por conta de uma reportagem que circulou no jornal redigido por estudantes do Liceu, o jornal *Filomela*.¹⁴ Logo no início, o defensor da doutrina declara que tal reportagem não poderia ter sido feita pelos estudantes do Liceu e que foi um “articulista de fora” que proporcionou o que ele denomina de “apreciação menos justa sobre o espiritismo”, indicando o caráter crítico e opositor que tal reportagem teve para com a doutrina:

Por detrás desses jovens esperançosos destaca-se uma figura imponente pelos seus conhecimentos e ilustração que por bem ou por mal traçou aquela apreciação menos justa sobre o espiritismo, mesclada porém de um toque sensível de conhecimentos, que não podem ainda possuir aqueles moços, e que bem a descoberto o seu sapientíssimo autor. *Ex: digito cognosci turgigans*. (A IMPRENSA. 6 jun. 1883, p. 3.)

¹⁴ *O filomela*, jornal literário. De circulação quinzenal. Redação de Emílio César Burlamarque e Raimundo Artur de Vasconcelos.

A defesa feita pelo articulista de *A imprensa*, que denomina-se “Hom”, baseia-se na notória falta de conhecimento que o “douto articulista” fez “desta ciência”. Utilizando-se dos argumentos que estavam a fazer controvérsia, Hom rebate a ideia que o articulista fez do espiritismo de modo a não “entear uma polêmica jornalística”, mas dando atenção aos fatos pertinentes dessa reportagem.

Hom faz menção a trechos que mais lhe chamaram atenção da reportagem de *A Filomela* rebatendo-os de modo sutil e racional:

A força ingente de inúmeros fenômenos observados por milhares de espectadores os mais sábios e insuspeitos, o testemunho da história, as lições da experiência forçaram o denodado campeão ante espiritista a esta confissão originada pelo desejo de refutar uma ciência que nada tem de misteriosa, nem de especulativa e que hoje se acha ao alcance do mundo inteiro. (A IMPRENSA. 6 jun. 1883, p. 3.)

E continuando sua reflexão, o articulista de *A Imprensa*, pergunta-se por que assim procedeu o campeão antiespiritista de *A Filomela*:

Porque o espiritismo tem patenteado muitas verdades que se tem procurado de propósito envolver em um certo mistério para fins especulativos. A doutrina da existência do inferno, das penas eternas e outras que delas emanam, hoje não tem razão de ser e repugnam a bondade e onisciência de Deus. (A IMPRENSA. 6 jun. 1883, p. 3.)

Esse é o argumento utilizado por Hom para fazer oposição aos não crentes nas ideias espíritas. Tal ideal quebrava com o binômio Céu-Inferno pregado pela Igreja Católica, e que permitiam àquela instituição ser o guia das mentes e corações humanos. Dando ao ser o livre arbítrio que lhe cabe e destruindo o dilema das penas eternas, torna-se o ser humano dono do próprio destino e de suas vontades, retirando da Igreja a condição de guia da humanidade. Por isso, aqueles que pretendem ser o guia das consciências humanas tentam envolver em mistérios o que na visão de Hom e dos que compartilham de seu pensamento não possui, de modo a causar polêmica e especulação sobre o tema.

Já na sua contraparte conservadora e católica, *O Apóstolo*, multiplicavam-se os ataques àquele pensamento, vindos de fora do Piauí, mas que repercutiam de modo a formular um estereótipo que perdura até os tempos atuais. A notícia é reproduzida de *O correio católico de minas* e denomina-se O Espiritismo em julgamento:

Trata-se ainda de um chefe de família que em má hora cedendo a insinuações de falsos amigos, embrenhou-se nos tenebrosos meandros da necromancia. Em breve enuviou-se lhe o entendimento, obliterado ficou-lhe o juízo, a ponto de ver na fiel e devotada companheira de sua existência um demônio em carne e ossos que não mais, portanto, convinha estivesse a seu lado e à frente da – outrora feliz – família. Perceberam que o infeliz estava maquinando, sugestionado pelo pai das trevas, da mentira e do crime. Cuidaram pois os parentes de obstar a realização do seu nefando intento, tirando a esposa das garras aduncas do indigno e perigosíssimo marido. Estava ela já longe de casa fugindo a sanha do algoz, quando este dando pelo ocorrido, monta a cavalo e corre ao encalce da esposa. Alcança-a afinal e dá-lhe, a queima-roupa, cinco tiros de garrucha que a prostraram no chão morta... Mais um crime horrendo a acrescentar ao rol dos numerosos já cometidos pelos adeptos do maldito espiritismo. (O APÓSTOLO. 24 nov. 1907, p. 3.)

Exceto pelo título e pelo o último parágrafo a notícia poderia ter passado apenas como mais um crime de violência contra a mulher, tão comum à época. Contudo, o título coloca para o leitor não os atos de um homem, mas o julgamento de um pensamento. Era dessa forma que a imprensa católica tratava e encarava essa doutrina, atribuindo-lhes crimes, perda da capacidade mental, com o intuito não de combater um pensamento, mas como o título da notícia nos adianta, de julgá-lo e de imediato condená-lo.

Nota-se por esse exemplo e por outros encontrados, que o combate acirrado que fazia a religião católica contra as doutrinas que dela não faziam parte, era através do discurso do medo, implementado na tentativa de manter afastado seus fieis do “maldito espiritismo” (O APÓSTOLO. 24 nov. 1907, p. 3.), do que do debate de ideias que convergiam em diversos pontos, mas que se afastavam em tantos outros.

Não por acaso *O Apóstolo* traria tão veementes críticas não só ao espiritismo, mas à toda e qualquer doutrina ou pensamento contrário ao da Igreja Católica, seja ele de caráter religioso ou cientificista, pois traziam com eles mudanças sociais, as chamadas “modernidades”.¹⁵ Eram os anos da reforma ultramontana¹⁶ e com ela toda a volta de valores clássicos e ditos “retrógrados” que a Igreja estava pregando na tentativa de sobreviver à onda modernizadora que avançava pelo mundo. O ultramontanismo surge como uma flecha em sentido contrário ao do mundo em guinada científica.

O denominador comum a todos esses movimentos era a inserção no processo de

¹⁵ Um bom resultado das ideias que se impuseram com a modernização do Brasil pode ser observado em: GRAHAM. 1973, p. 241- 260.

¹⁶ A definição e as características gerais do catolicismo ultramontano, conferir: WER-NET.1987.

secularização da sociedade ocidental. Ao nível das relações entre o Estado e as Igrejas instituídas, esse processo se consubstanciava em forte disputa em torno da prevalência do poder temporal sobre a influência do poder espiritual e vice-versa. Ao nível dos discursos, colidiram diferentes concepções de mundo, de um lado explicações do universo centradas no plano divino e, de outro, explicações científicas laicizadoras que datavam do Renascimento (QUEIROZ, 1994, p. 218.)

Esse é o plano mais geral que se encontravam os embates entre as Igrejas¹⁷ e o pensamento científico, uma disputa pelos poderes temporais (ler-se poder político e social) que garantiriam a prevalência da manutenção dos ditos poderes espirituais, ou seja, garantir o controle sobre as outras formas de pensar através de meios sociais e políticos garantiria a manutenção dos privilégios para se alcançar a mente e o coração dos fiéis.

E era principalmente a Igreja Católica que desde o Império era associada ao Estado que mais participava desse jogo de poderes. Diante da separação da Igreja do Estado, com o fim do Império, as suas influências sobre esse último não cessaram de existir, mas abriu-se a possibilidade de outros grupos assumirem esses papéis. A partir desse ponto a reforma ultramontana serviu para alçar os projetos de ré-expansão da doutrina católica e combate das ideias anticlericais, processo esse iniciado na Europa e que adentra ao Brasil por volta da década de 1910, como nos explicita Teresinha Queiroz:

Nas décadas a partir de 1910, são introduzidos nas discussões regionais elementos novos, em vista da expansão no Brasil de várias ortodoxias, por exemplo, o Protestantismo, cada vez mais agressivo e o Espiritismo, em relação às quais a Igreja desenvolveu oposição acirrada. (QUEIROZ, 1994, p. 218.)

Oposição essa fortalecida pelas lutas pelas quais a Igreja enfrentava na Europa, berço do pensamento científico que avançava pelo Império e que se agravava e ganhava força na República:

Até certo ponto fortalecida pelas lutas nas duras campanhas europeias, tentava a conquista de novos adeptos e a afirmação em antigas e em novas áreas coloniais. No Brasil, alcançado por esse processo de expansão, a Igreja atua com vigor no combate às velhas e novas heresias (QUEIROZ, 1994, p. 218.).

É nesse contexto que se insere a publicação de *O Apóstolo*, mais especifica-

¹⁷ O plural aqui se refere também à Igreja Protestante que até aquele ponto assume-se como igreja e constitui culto formal e doutrina religiosa oficializada, mesmo sofrendo as mesmas críticas por parte do Catolicismo que sofriam o Espiritismo e os pensamentos científicos.

mente da multiplicação do seu pensamento e da divulgação destes por meio de periódicos semanais por diversos estados do país, como exemplo, *A palavra* e *A defesa*. O primeiro, um periódico do Pará e o segundo, do Rio de Janeiro, periódicos que mantinham contato com *O Apóstolo* de Teresina, que os parabenizava pela iniciativa, mas principalmente pelo seu caráter combativo.

O novo órgão não transige com o mal sob qualquer título que se apresente; – dará combate cerrado às doutrinas anárquicas e deletérias, como sejam, o ateísmo, o maçonismo, o protestantismo, o espiritismo, o racionalismo, etc.[...] Recomendamos à família católica piauiense a leitura e propaganda do novo órgão, iluminado pelo Exmo. Revmo. Sr. D. Santino Coutinho, virtuoso e apostólico Arcebispo de Belém do Pará. (O APÓSTOLO. 1 out. 1911, p. 3.)

E da mesma forma reverencia a chegada de *A Defesa*, pelo qual tece elogios e acrescenta novamente o caráter combativo que tais órgãos de comunicação possuíam:

A Defesa, desfraldando a bandeira santa, e com o Evangelho a frente cumprirá o seu dever, - dando combate cerrado a todos os erros sociais, como sejam a maçonaria, espiritismo, livre pensamento, protestantismo, racionalismo, etc. (O APÓSTOLO. 4 ago. 1912, p. 2.)

O que podemos perceber é que há uma comunicação intensa entre tais periódicos, sempre trocando notícias, reportagens e editoriais, o que não seria a novidade para os fins do século XIX e início do XX, já que as comunicações e publicações se davam através dos jornais. Pode-se notar que tais órgãos cobram uns dos outros o combate ao que Queiroz categoriza como velhas e novas heresias, “ismos” de formas de pensar com caráter não católico e que feriam a esta doutrina, considerada santa.

Esse movimento, estimulado pelos inúmeros periódicos do período que possuíam o mesmo objetivo, enquadram-se no já citado movimento ultramontano que visava a reconquista de antigos adeptos e a conquista de novos, além de promover uma volta aos valores que a Igreja Católica pregava e que estavam caindo por terra frente aos avanços modernos e de pensamentos contrários à Igreja.

Dentre uma discursão e outra a capital ia tomando conhecimento da doutrina dos espíritos. Oficialmente, as pesquisas através de jornais e outras fontes consultadas pelo historiador não apontaram para a existência de uma entidade que se identificava com o espiritismo, a exemplo do Centro Espírita Perseverança no Bem de Parnaíba, ou ainda do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade da cidade de Amarante, que analisaremos a seguir.

Contudo, Teresina nos dará grandes resultados do ponto de vista doutrinário e de análise histórica anos mais tarde, nas décadas de 1930 a 1950 e a partir daí com o surgimento da Federação Espírita Piauiense, originária de um processo de federalização e unificação do movimento espírita em caráter nacional.

Amarante

Em Amarante, a última cidade de nossa visita, a ideologia espírita parece ter ganhado mais adeptos e mais rápido que em qualquer outro lugar do Piauí, tendo movimentos espíritas datados desde 1902 e que floresceram por diversos anos, como nos mostra uma reportagem do *Jornal de Caxias*, datado de 1902, que cita:

Segundo temos em um jornal de Minas Gerais, a cidade de Amarante, empório do comércio do Sul do Piauí, acha-se assolada por uma verdadeira epidemia de espiritismo. Grande número de famílias entregam-se às práticas da seita, tomadas de invencível obsessão.

Registram-se vários casos de loucuras, destacando-se do deputado estadual Altino Ribeiro. O curiosíssimo fenômeno de epidemia espiritual que apresenta Amarante tem provocado larga discussão na imprensa local. Tendo o Dr. Higinio Cunha reclamado urgentes providências do governo. (JORNAL DE CAXIAS. 11 out. 1902, p. 2)

O primeiro ponto a ser observado é a origem da notícia: um jornal de Minas Gerais, denotando a repercussão do movimento espírita naquela cidade. Isso se deu em grande medida por conta da criação do que poderia ser o primeiro órgão de divulgação espírita do estado. O jornal *A Cruz* funcionava como porta-voz do grupo naquela localidade. Para os adeptos ele era como o farol que iluminava seu pensamento.

O jornal era o principal expoente do movimento espírita da cidade, ligado ao Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade de Amarante, e servia como meio de comunicação do centro, bem como meio de divulgação da doutrina, além de noticiar os acontecimentos da cidade de Amarante.

Era redigido por Sátiro de Castro Moreira, que segundo o jornal *Amarante*¹⁸ da mesma cidade era um Major do exército muito respeitado na cidade de Amarante, além de redator do jornal *A Cruz* e comerciante, também atuava como advogado no interior do estado:

ADVOGADO

¹⁸ Amarante: Segundo jornal com este nome. Do Grêmio Literário Amarantino. Redação de Da Costa e Silva, Vitor Martins e Mário Felício.

Sátiro de Castro Moreira, advogado provisionado, aceita chamados para qualquer comarca do interior deste estado. Defende gratuitamente o direito dos pobres desvalidos, que se vejam perseguidos pelos agentes do poder público. Os chamados de fora desta cidade poderão ser feitos por carta ou por telegrama, firmando-se logo o respectivo ajuste. (AMARANTE. 15 abr. 1908, p. 2)

Sátiro se destaca nas nossas pesquisas como um dos únicos nomes a constar diretamente ligados ao Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade e ao jornal *A Cruz*. Não pudemos traçar um perfil biográfico como o fizemos com Alarício J. da Cunha em Parnaíba, mas por meio do jornal *Amarante* podemos notar o caráter liberal que possuía nosso personagem. Líder popular, em 1908 fazia passeata pública com outros cidadãos de Amarante em comemoração ao 13 de maio, dia da abolição:

O major Sátiro de Castro ali tornou a falar em nome do povo. Saudando o município de Amarante e os seus habitantes. Continuou o trajeto até a casa de residência do exmo. Sr. Dr. Eduardo Olímpio Ferreira, digno Juiz de Direito da comarca, o qual foi saudado pelo major Sátiro de Castro, respondendo ele em breve, mas eloquente e entusiástico discurso, em que manifestou quanto lhe era grato ver o povo amarantino, especialmente a mocidade que era a constelação luminosa do futuro, comemorar a gloriosa data '13 de maio' que relembra a extinção da escravidão no Brasil, para o que ele, como abolicionista que fora, também tinha colaborado, e terminou o seu discurso levantando entusiástico viva à liberdade, no que foi acompanhado pelo povo reunido. (AMARANTE. 31 mai. 1908, p. 1)

As palavras são de João de Castro Lima, provável parente, mas confirmadamente amigo de Sátiro, e que também compartilhava a tipografia dos jornais *Amarante* e *A Cruz*. Chegaram às nossas mãos quatro números deste último jornal, datando o primeiro de 15 de março de 1906, não sendo esse o primeiro lançado, mas consta-se nele como sendo o número quarenta e um no seu quarto ano de exercício, e as edições que se seguem, quarenta e dois, quarenta e três e quarenta e quatro, publicadas nas datas de 31 de março, 30 de abril e 31 de maio, sendo sua publicação mensal.

O jornal *A Cruz* era composto de uma primeira matéria, mais longa e detalhada, que discorria principalmente sobre temas pertinentes à doutrina espírita, debates de ideias espíritas, que podia ter sido escrita tanto pelos próprios articulistas, como também por "amigos e confrades" de outros órgãos de divulgação espírita do País.

Destacamos a matéria de capa do número quarenta e três, pois é de autoria do próprio jornal, e versa sobre o companheiro Tenente-Coronel Teodoro da Silva Ribeiro. O mesmo é citado no número anterior do jornal, na seção de Noticiário:

“De Floriano, à procura de recursos da medicina, seguiu a 23 deste mês o nosso prezado confrade tenente-coronel Teodoro da Silva Ribeiro. Temos sabido que ali tem experimentado melhora e que em breve estará restabelecido.” (A CRUZ. 31 mar. 1906, p. 3)

E logo em seguida a essa notícia, ficamos sabendo do regresso do seu filho à cidade de Amarante: “De Floriano regressou a esta cidade o nosso bom amigo Teodoro Ribeiro Júnior, que havia ido ali em companhia de seu extremoso pai o nosso confrade tenente coronel Teodoro Ribeiro” (A CRUZ. 31 mar. 1906, p. 3).

Notícias concomitantes identificam a viagem de ida do confrade, coronel Teodoro Ribeiro para Floriano durante o mês de março e no mesmo mês o regresso para Amarante de seu filho que o acompanhava. Pelo escrito podemos notar que o redator do jornal já recebera informações sobre a possível melhora do paciente. Contudo, por meio do referido editorial do número seguinte, que é dedicado ao Tenente-Coronel Teodoro da Silva Ribeiro, podemos atestar o seu falecimento.

A estada do homem sobre a terra assinala uma das múltiplas fases da vida eterna, em cada uma das quais o espírito, sob o invólucro carnal, se propõe atingir superiores degraus da escala do infinito; e quando ele morre para este planeta, renasce para a eternidade, aí encontrando o produto do seu trabalho. (A CRUZ. 30 abr. 1906, p. 1)

E continua versando sobre a vida do confrade, desde o seu nascimento, seu desenvolvimento intelectual, comercial e moral. E também sobre seu sempre frágil estado de saúde: “Mais tarde sentiu-se doente, e nem 1867 seguiu para a Europa, passando três anos em Lisboa, Porto e Paris, e quando d’ali voltou, residiu ainda por algum tempo em Caxias donde veio para esta cidade no ano de 1878” (A CRUZ. 30 abr. 1906, p. 1). Mais adiante observamos que nosso personagem volta a adoecer: “Em 1895 o Ten. Cel. Teodoro da Silva Ribeiro deixou de comerciar, devido seu estado de saúde, e passou a viver do rendimento de seu capital, que proporcionava-lhe com abastança os meios de subsistência.” (A CRUZ. 30 abr. 1906, p. 1)

Os problemas de saúde são justificáveis, considerando a idade do nosso personagem, por volta dos 59 anos, idade avançada para fins do século XIX. O articulista segue então nos contando a aproximação do Coronel com o espiritismo:

Filho de pais católicos, ele educou-se no catolicismo: porém, no ano de 1902, quando por mercê de Deus, o espiritismo conquistou alguns crentes nesta cidade, tornou-se espírita fervoroso e abnegado e daí até o momento em que o seu corpo exalou o último suspiro manteve-se fiel às suas convicções. (A CRUZ. 30 abr. 1906, p. 1)

É-nos contado que mesmo antes de tornar-se espírita, Teodoro já era um

homem de moral elevado, dado à prática da caridade:

Se quando era católico já praticava a caridade, virtude sublime que abre as portas da felicidade à alma, depois que aderiu ao espiritismo quadruplicou esse sentimento de fraternidade: a todos acolhia com amor, especialmente os que necessitavam do pão do corpo e do espírito, aliviando-lhes as dores e desterrando pelo exemplo e pelo conselho os obstáculos antepostos ao sossego de espírito. (A CRUZ. 30 abr. 1906, p. 1)

Demonstrando dessa forma que o nosso personagem era pessoa de boa índole, de intenções nobres, finaliza falando do seu processo de desencarne, que se deu no estado do Piauí, na cidade de Floriano e lamenta pela sua perda, sentida em toda a cidade e pelo grupo espírita.

Durante o discorrer da mensagem póstuma é notória a forma da escrita e os termos utilizados pelo editor, como “invólucro carnal”, “desencarne”, entre outros termos desenvolvidos e utilizados pelo linguajar espírita, pois como qualquer ciência, filosofia ou religião, esta cunhou seus termos segundo suas ideias, ideais e crenças, ou como se referiu seu fundador: “Para que se designem novas coisas são precisos termos novos”(KARDEC, 2013 p. 13). Dessa forma, a religião fundamenta-se na criação de uma linguagem própria, utilizando-se dessa maneira de um modo operante de agir e de se expressar, notório nesse escrito e em muitos outros.

Algo a mais que podemos notar tanto do discorrer da nossa escrita, quanto do detalhamento de alguns personagens presentes em nosso trabalho é a proximidade de muitos deles com o do militarismo. Vários tinham patentes do exército, eram majores, tenentes e coronéis. Tal fato não ocorreu apenas no Piauí, isso era algo comum. O espiritismo teve grande aceitação entre os militares, muito por conta de sua aproximação teórica com o positivismo de Auguste Comte:

A partir da segunda metade do século XIX, as ideias de Auguste Comte *permearam as mentalidades de muitos mestres e estudantes militares, políticos, escritores, filósofos e historiadores. Vários brasileiros adotaram, ou melhor, se converteram ao positivismo, dentre eles o professor de matemática da Escola Militar do Rio de Janeiro Benjamin Constant, o mais influente de todos. Tais influências estimularam movimentos de caráter republicano e abolicionista, em oposição à monarquia e ao escravismo dominante no Brasil*(VALENTIM, 2010).

Pregando um mundo de ideais científicos e modernos o positivismo e posteriormente a religião positiva criada por Auguste Comte tomaram conta do pensamento científico do fim do século XIX, em conjunto com o pensamento espírita pregado por Kardec, diferenciando-se muito por conta do caráter materialista de

Comte, enquanto Kardec ia para além do pensamento materialista, refletindo sobre a existência de um plano espiritual, que ia além da matéria:

Apesar do culto aos antepassados, a posição positivista comtiana forçosamente excluía a ideia da imortalidade da alma. Referenciavam-se os mortos por suas realizações materiais e morais enquanto vivos, das quais as novas gerações eram as beneficiárias, daí o enunciado positivista de que ‘os mortos governam os vivos’. Para Kardec, seria a trajetória individual até um estágio de ‘iluminação’, num plano espiritual superior e transcendente, que se prolongaria *ad infinitum*. (DAMAZIO, 1994, p. 35)

Não podemos dizer que uma ideia estava atrelada a outra. No entanto, a matriz religiosa brasileira já era naquela época complexa o suficiente para que prevalecessem ideias que projetassem um mundo espiritual, como o espiritismo, do que simplesmente um fim material, como o proposto por Comte e o Positivismo.

Entre os nomes de espíritas nacionais contam diversos integrantes militares, entre eles o primeiro presidente da recém-fundada Federação Espírita Brasileira, Francisco Raimundo Ewerton Quadros,¹⁹ marechal reformado do exército em 1895, tendo sido o sexto presidente do Clube Militar. João do Rio, autor de inúmeros trabalhos e descrições sobre movimentos religiosos no Rio de Janeiro no início do século XX cita outros militares de alta patente “como o general Girard, o general Pirangibe, o major Ivo do Prado e o almirante Manhães Barreto” (BARRETO apud DAMAZIO, 1994, p.111.).

A partir daí podemos perceber a proximidade que ganhou o espiritismo das altas patentes do exército por conta de muitas ideias liberais e modernas defendidas por essas duas doutrinas, positivismo e espiritismo.

Considerações finais

Dessa forma, completamos nosso percurso pelo rio Parnaíba, por meio do qual acompanhamos os caminhos de uma ideia, as repercussões e discussões que ela provocou, as ações e reações que tiveram os piauienses.

Conclusões finais não podem ser retiradas deste escrito, apenas as análises pontuais feitas a cada fonte apresentada, devido à escassez de materiais primários,

¹⁹ Francisco Raimundo Ewerton Quadros era maranhense nascido em 1841, filho de capitão honorário. Terminando o Curso de Humanidades, veio para o Rio de Janeiro onde frequentou a Escola Militar e a Escola Militar e a Escola Central, depois, Politécnica. Durante a revolta de 1893-94, atuou como comandante em vários postos-chaves. Foi diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e comandante da Escola Naval. Reformado no posto de marechal em 1895, tornou-se o sexto presidente do Clube Militar. Cf.: DAMAZIO, 1994, p. 109.

fontes de jornais ou discussões locais sobre as ideias que se achegavam ao Piauí não podemos dar juízo de valor ao que não temos relatos ou que esses relatos não figurem como definitivos o suficientes para o fazermos.

O certo é que no Piauí, como em qualquer outro local do país, o espiritismo causou espanto e admiração, levando muitos a repeli-lo de imediato, mas também outros tantos a se aproximarem dele com igual intensidade, dando oportunidade e espaço para que muitos outros cultos mediúnicos²⁰ pudessem emergir das sombras do preconceito arraigado e ter seus espaços de direito.

Referências

DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução: Mesmer e o Iluminismo na França*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba: Cidades-Beira*. 2008. 397 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 33.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil: 1850-1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973, p. 241- 260.

KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos: filosofia espiritualista/ recebidos e coordenados por Allan Kardec*. Brasília: FEB, 2013.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Zodíaco, 1972.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí*. Teresina: UFPI, 1994.

²⁰ Referimo-nos aos cultos africanos que tem em sua essência o contato com entidades espirituais e no uso da mediunidade, já explicada no primeiro capítulo deste trabalho.

REBELO, José Pires de Lima. Saudação a Alarico da Cunha. In: FILHO, A. Tito. *Lima Rebelo, O Homem e a substância*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 89.

VALENTIM, Oséias Faustino. *O Brasil e o Positivismo*. Rio de Janeiro: Publit, 2010

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio de Melo: 1851-1861*. São Paulo: Ática, 1987.

JORNAIS

O Artista, Parnaíba – PI.

A Cruz, Amarante – PI.

Amarante. Amarante – PI.

Jornal de Caxias, Caxias – MA.

O Apóstolo, Teresina – PI.

A imprensa, Teresina – PI.

A Época, Teresina – PI.

LIVRO DE ATA

Livro de actas do Centro Espírita Perseverança no Bem. Parnaíba – PI.

Artigo recebido em 31/05/2019, aprovado em 25/06/2019.